

Olhares sobre a Patagónia

Gonçalo Vilas-Boas

Universidade do Porto - ILC

Resumo: A Patagónia tem sido olhada por muitos viajantes como um lugar mítico pelas suas características geográficas, históricas, sociais e culturais. Os olhares de fora (europeus, neste caso) levam consigo essa carga cultural, sempre diferente, mas com pontos comuns. Aqui serão analisadas e comparadas diversas construções feitas por viajantes do século XX à Patagónia argentina e chilena. Serão escolhidos espaços semelhantes, para melhor se aperceber o modo como cada um vê e, a partir daí, constrói a sua narrativa e até que ponto as ideias sobre aquele espaço prévias à viagem, nomeadamente o seu carácter mítico, influenciaram quer a viagem propriamente dita, e a qualidade da visão, depois transformada em discurso. Interessa também detetar a presença da informação 'objetiva' e a reação subjetiva do viajante textual, nomeadamente a insegurança muitas vezes transmitida por aquele vasto território e a transformação desse olhar numa construção discursiva, que, por sua vez, corresponde a um novo olhar, que está disponível para o leitor. Passando pelo incontornável Bruce Chatwin, focaremos as viagens de autores europeus publicados em livro, como, os portugueses Raquel Ochoa, Gonçalo Gil Mata, Maria João Ruela, o sueco Mats Tormod, a alemã Carmen Rohrbach.

Palavras-chave: Literatura de viagens, Argentina, Patagonia

Abstract: Patagonia has been seen by many travellers as a mythical place because of its geographical, historical, social and cultural characteristics. Every look at the Other is conditioned by the cultural contexts of every one. Similar spaces are not seen the same way by different travellers, specially if they come from different cultural spaces. The choice of Patagonia enables to compare the different views over a limited number of geographical spaces and the way travellers relate to the space and its mythical interpretation. These observations will in turn be translated into language by the narrators and what they want to tell us readers. I will start with Chatwin, go over to some Portuguese travellers as Raquel Ochoa, Gonçalo Gil Mata and Maria João Ruela, the Swede Mats Tormod and the German Carmen Rohrbach.

Abstract: Travel literature; Argentina, Patagonia

As focas do  luz
Nas profundezas das zonas geladas,
Nas grutas crepusculares
Dos ltimos focinhos do oceano,
As vacas da Patagnia
destacam-se do dia
como um tumulto, como um pesado vapor
que ergue ao frio a sua quente coluna
na direcção da solidões.

América, tu s deserta como um sino:
tens dentro de ti um canto que não se expande.
O pastor, o homem da pampa, o pescador
não têm uma mão, nem uma orelha, nem um piano,
nem uma face junto deles: a lua vigia-os,
a extensão amplia-os, a noite espia-os,
enquanto um velho dia, lento como os outros, nasce.
(Pablo Neruda)¹

1. Neste ensaio far-se- uma reflexão em torno de viajantes europeus do século XXI  Patagnia, ou melhor, às Patagnias, tentando enquadrar os textos num contexto literário mais vasto. Atualmente, o viajante não vai à procura de novas descobertas, mas sim de viver espaços físicos e sociais  sua maneira única. Novas aventuras, novos contactos, novas visões irão modificar o viajante, a sua identidade, mas também o modo como irá perceber o seu mundo. Cada viajante estabelece a sua cartografia pessoal, dentro de uma cartografia mais abrangente, mais global.

2. Os espaços são vividos sempre de modo relacional: a qualidade da observação faz com que um viajante veja esse outro espaço a partir do seu, podendo esta relação ser mais

ou menos forte. O leitor viaja noutra espaço, um espaço construído pela linguagem. Este acredita no *fair play* do viajante textual, não tendo a possibilidade de verificar a veracidade dos factos relatados, nem isso o tem que interessar, uma vez que está a ler o que Hayden White designa por “fictions of factual representation” (in Holland/Huggan 2000: 10).² Sendo assim, torna-se irrelevante no ato da leitura a predominância do factual – o que interessa é o texto que é lido, dentro das características rececionais do género, como sendo essencialmente referencial e tendo por base uma viagem realmente efetuada por alguém em determinado tempo/espaço. A escrita simboliza uma representação mental do espaço elaborado pelo autor em deslocação (vd. Hallet/Neumann 2009: 42). Se em muitos textos o eurocentrismo ou melhor o ocidentocentrismo é fundamental, fazendo parte da ‘enciclopédia’ que cada um transporta, no “frame of reference” contemporâneo (Holland/Huggan 2000: 5), esse aspecto está mais mitigado na era do pós-colonialismo, quer no viajante escritor como no leitor. O viajante transporta consigo uma perspetiva política, no sentido em que observa, comenta, o que implica, à partida, um ponto de vista. Nos dias de hoje poderíamos falar com Debbie Lisle, de “cosmopolitan vision”, característica do mundo de partida dos viajantes aqui abordados.³ Comum à maioria dos viajantes é a distinção entre eles e os turistas, reconhecendo alguns que são, de facto, também turistas, mas de modo diferente, porque os seus trajetos são, não os das massas, como diz Raquel Ochoa, são sim sítios “menos óbvios” (Ochoa 2012). O Outro, que estes viajantes procuram não é o mesmo dos turistas, normalmente viajantes em grupo ou famílias.

A grandiosidade do espaço e a sua difícil apreensão e a emotividade vivencial são de difícil tradução em palavras. Mas na vivência não há lógica sem afetos e vice-versa. Isto é, a escrita resulta de ambos os aspetos, mas para os segundos não há palavras, há só a tentativa de traduzir as emoções em palavras. O ‘Eu’ textual encontra um ‘tu’, o leitor – e vice-versa – há uma convergência entre os dois. Enquanto o primeiro estagna num texto ‘definitivo’ (passível de reedições, obviamente), fixando a identidade textual, o segundo é uma identidade aberta, em progresso permanente. São diferentes modos de viver e experienciar a solidão da viagem de um e de outro lado do texto, da vida durante a viagem. À solidão do viajante, corresponde a solidão do viajante textual e a do leitor. Solidão que não implica

ausência de contactos, muito pelo contrário, mas tudo é marcado pelo tempo, ou, como Annemarie Schwarzenbach em “Die Steppe”⁴ dizia acerca das suas viagens, o que custa é saber que logo que se chega, a despedida já está à espreita, por isso, a dor da despedida faz parte integrante da viagem de muitos, pois todas as relações com pessoas e paisagens são efémeras, dependendo também da velocidade da viagem, do uso do tempo.

3. A Patagónia é um desses nomes mágicos, alimentados por viajantes aventureiros como Fernão de Magalhães, Darwin e outros viajantes, aventureiros, cientistas, conquistadores, missionários.⁵ Os lugares tornam-se eles próprios portadores de sentido, mas cada viajante tem a sua orientação e posicionamento próprios, a sua visão, a sua interpretação, o seu sentir (vd. Hallet/Neumann 2009: 24).⁶ A Patagónia é o espaço do sul do continente americano, de cerca de 900.000 Km², dividido pela Argentina e pelo Chile. Quando o viajante contemporâneo vai à Patagónia leva na sua bagagem uma imagem prévia, construída pelo que já leu e ouviu, por discursos dispersos, que ele vai confrontar com a realidade. E muitas vezes leva também, ainda que de modo inconsciente, o discurso do poder, daquele que representa uma região rica e poderosa. Só mais tarde é que vai poder transformar parte das vivências em discurso.

Com efeito, o nome ‘Patagónia’ reveste-se para muitos de carácter mítico, que vai sendo construído a partir de muitos textos de argentinos (lembremo-nos de Mempo Giardinelli e do seu romance *Final de Romance na Patagónia*), chilenos (lembremo-nos de Francisco Coloane ou de Luis Sepúlveda), e outros, para quem o facto de ser uma zona longínqua, faz aumentar o distanciamento cultural. Alguns, como Jorge Luis Borges e Paul Theroux, não viam nada de interessante na zona, cheia de vazio. Outros, pelo contrário, sentem-se atraídos por aspectos míticos como, por exemplo, a paisagem desértica, os glaciares, a Ruta 40, a estrada que percorre a Argentina do Norte, junto à fronteira com a Bolívia, até ao Sul e, consequentemente, atravessa toda a Patagónia, terminando em Rio Gallegos, na costa atlântica, depois de cerca 5.000 quilómetros. Também se estende até à Terra do Fogo, que, de facto, não pertence à Patagónia. O glaciar Perito Moreno, os Andes, os condores, os índios, descendentes daqueles que sobreviveram aos massacres dos colonizadores, sobretudo espanhóis, mas também resultado de chacinas causadas pelos

colonos e pelas autoridades. Neste espaço pouco urbanizado, e com uma reduzida taxa demográfica, a rude natureza impõe-se, exigindo fisicamente muito dos que por ela se aventuram sozinhos.

O papel das missões, a fauna, em particular os guanacos e as lamas, a flora, tudo isso tem contribuído para a construção da Patagónia face a outros espaços. Há também vivências que são recorrentes: os espaços infundáveis varridos pelos ventos que sopram constantemente, as nuvens, a solidão, e aspectos da geografia social, como as quintas, as célebres *estancias* com os seus gaúchos, ovelhas e a produção de lã. São igualmente referidos temas da história passada, da época dos Descobrimentos, de Darwin, relacionados com a vinda de estrangeiros, sobretudo britânicos, as referências aos bandidos à volta de Butch Cassidy, ali refugiados, ele próprio uma figura com traços míticos, origem de histórias muito díspares, e tudo isto tem contribuído para a visão única da Patagónia.

4. Não admira, portanto, que a Patagónia e a Terra do Fogo surjam desde cedo em textos literários e de viagem. Estes dois lugares começam a ser mencionados com os Descobrimentos e depois com a chegada dos emigrantes e missionários, nomeadamente os salesianos. Lady Florence Dixie (1885-1905), por exemplo, visita a Patagónia por ser uma terra rude e muito ligada aos elementos masculinos, para fugir ao vazio da vida aristocrática inglesa, relatando em *Across Patagonia* (1880) as suas aventuras, entre as quais a caça: “a longínqua e desértica terra, com as suas solitárias planícies [...] nas quais guanacos, avestruzes e índios vermelhos andavam por ali e eu passei uns tempos inesquecíveis, despreocupados e felizes” (*apud* Eschweiler 2009: 15). Alguns autores usaram a Patagónia ou a Terra do Fogo como palco das suas narrativas, como Jules Verne, no seu romance *Le Phare du bout du monde*, de 1905, ou como Claudio Magris, no pequeno romance *Un altro mare*, de 1991. Antoine Saint-Exupéry (1900-1944) trabalhou entre 1929 e 1931 na companhia argentina de correio aéreo (Compañía Aeropostal Argentina), ligando a Argentina e o Chile. A paisagem vulcânica inspirou-o na construção do asteróide onde mora o Pequeno Príncipe (*vd.* Rohrbach 2010: 199). Este trabalho permitiu-lhe uma vista aérea sobre a Patagónia, que lhe servirá de base para o romance *Vol de Nuit*, de 1931. Num

dos voos vê a Isla de los Pájaros, na costa atlântica argentina, cuja forma recordará em *Le Petit Prince* no desenho do chapéu ou da cobra que comeu o chapéu.⁷

Mais importante a este propósito é o livro do britânico Bruce Chatwin, que parte para a Patagónia à procura de um brontossauro, uma preguiça gigante, de que tem, ao que julga, um bocado da pele, e que fora enviado à família por um parente, emigrado como tantos outros, para a criação de ovelhas naquela terra aparentemente sem fim (vd. Shakespeare 2001: 411). Chatwin sofria do baudelairiano “horreur du domicile”.⁸ O livro de Chatwin tornou-se assim num ícone da literatura de viagens e quase não há livros sobre a Patagónia que não o refiram. Trata-se de uma viagem pessoal, com o fito de encontrar traços do passado britânico e do encontro de emigrantes britânicos com aquele espaço inóspito. Para Chatwin, a Patagónia não era mais do que um enorme vazio, caracterizada por uma enorme solidão, toda aquela grandiosidade habitada, como todos os viajantes referem, pelos intermináveis ventos:

The Patagonian desert is not a desert of sand or gravel, but a low thicket of grey-leaved thorns [...]. Unlike the deserts of Arabia it has not produced any dramatic excess of the spirit, but it does have a place in the record of human existence. (Chatwin 2003: 31)

[O deserto da Patagónia não é um deserto de areia, ou cascalho, mas uma extensão de arbustos espinhosos de folhas cinzentas [...] Contrariamente aos desertos da Arábia, nunca provocou nenhuma manifestação espiritual espectacular, mas tem o seu lugar nos arquivos da experiência humana.] (Chatwin 2008: 33)

Anselmo, uma das figuras relatadas pelo narrador exclama:

Patagonia! She is a hard mistress. She casts her spell. An enchantress! She folds you in her arms and never lets go. (Chatwin 2003: 57)

[Patagónia! – exclamou. – É uma amante possessiva. Enfeitiça. Uma autêntica sedutora. Envolve-nos nos seus braços e nunca nos deixa partir.] (Chatwin 2008: 60)

Daí interessar-lhe muito a viagem pela Patagónia social, à procura de histórias de outros, para além da sua experiência. A paisagem está lá, mas não lhe dá a importância que outros viajantes lhe atribuirão. Não há uma idealização ou romantização da região, há

simplesmente a sua apropriação subjetiva. A natureza é apreendida culturalmente e é vista a partir de realidades humanas. Assim, a Patagónia surge nestes relatos como contraponto à história colonial, que modificou, já lá vão séculos, a região: as populações da Argentina e do Chile são, em grande parte, fruto de uma colonização relativamente recente.

5. Focarei algumas viagens de europeus já no século XXI, tendo em conta as semelhanças e as diferenças dos seus relatos, privilegiando textos de viajantes de fala portuguesa, sueca e alemã. Os textos/autores escolhidos funcionam como exemplos de modelos de viagem, de entre muitos outros que poderiam ter sido escolhidos. A Patagónia não é a meta da viagem, mas um ponto de passagem, um capítulo da longa viagem por alguns países e regiões da América do Sul. A região é vista, como Lisle refere, como “rearticulations of modern subjectivity” (Lisle 2006: 68). A qualidade do ‘Eu’ é substancialmente diferente do ‘Eu’, por exemplo, do explorador, geógrafo, viajante e cientista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859).

Raquel Ochoa (1980), licenciada em Direito, é viciada em viagens e na palavra:

Viajar, à semelhança de escrever ou guerrear, é um frívolo segundo de desabafo; é uma meditação e um descanso. É viver de ideias novas, porque nunca estancam. Uma viagem é uma obra por fazer. É como uma vida inteira, em ponto pequeno. Viajar é ser um pouco vento, participar da sua magia de forma microscópica. (2012: 9)

O livro *O vento dos outros* (2007)⁹ resulta de uma viagem pelas Américas Central e do Sul, começando pela Costa Rica, seguindo para o Peru, e o Chile, terminando nas Patagónias chilena e argentina, antes de apanhar o avião de regresso. Como afirmou numa entrevista em “Ler+, Ler melhor”¹⁰ Ochoa escreve para não esquecer o que viu e viveu. Sabe que, para além de observar, é também observada, faz parte do espetáculo como viajante. Só que esse lado raramente passa para o lado do leitor: ele também observa a viajante, mas de modo diferente, só lhe é dado ver o que a viajante textual dá para ler, e está longe de ser tudo o que a viajante real vivenciou. Só uma parte ínfima da viagem encontrará expressão no texto, após uma seleção a partir da memória, apoiado por apontamentos, fotos, etc.. Pretende-se mostrar a vivência no seu imediatismo, mas ficamos só pela memória da vivência, não

imediatamente. É neste processo de selecção e escrita que a ficção pode sub-repticiamente ou conscientemente entrar. O encontro com os Outros, a essência da literatura de viagens, está sempre presente. Procura o Outro, mas é também ela própria um Outro para o observado, estabelecendo-se assim uma relação complexa.

Ochoa viaja de autocarro, de vez em quando utiliza outro meio de transporte, sozinha, numa velocidade baixa e com tempo, o que lhe permite ter um contacto mais aprofundado com a paisagem. E vai encontrar outros viajantes em encontros casuais, aventureiros solitários como ela, vindos da Europa, de Israel, dos EUA. O seu texto tem obviamente muitas marcas subjectivas, o ‘Eu’ textual está omnipresente através da 1ª pessoa, como que a apelar à cumplicidade do leitor e a necessidade deste aceitar o ‘Eu’ textual, sem dúvida um *alter ego* da autora, como o referido pelo pronome. Os traços confessionais abundam, como, por exemplo, ao referir a despedida de Miguel, o simpático condutor do autocarro: “Abracei-o com sentida ternura” (2007: 256), partilhando a tristeza da partida, ou ao referir-se a uma melancolia extrema que sente em Ushuaia, cidade com algum carácter mítico, mas sem grande interesse urbanístico (*ibidem*). Estas confissões caracterizam um discurso com marcas femininas, o que também se poderá ler no longo espaço dedicado ao seu encontro com Loris, o guarda do parque Torres del Paine, na Patagónia chilena, cuja despedida lhe é dolorosa. Também as diversas citações do seu caderno de viagens contribuem para uma individuação maior da viagem, por exemplo, uma série de entradas sobre “o fim do mundo” (2007: 263-4). Para dar expressão à imensidão do espaço e sobretudo dos “efeitos cromáticos”, gostaria de ser “artista plástica”, referindo-se à dificuldade de conseguir exprimir algumas dimensões por palavras (2007: 247-8).¹¹ Procura a paisagem, tenta sorver o mais que pode os espaços que seleccionou.

Centrar-me-ei, então, no capítulo IV “Patagónia Argentina”, título não completamente correto, uma vez que parte dele se passa no Chile.¹² Mas Chile ou Argentina é questão de menor importância, o essencial é estar-se embrenhado com a Patagónia, os glaciares, as montanhas andinas e tudo o que isso implica.

Quando entra na Patagónia, Ochoa já traz na sua ‘mochila cultural’ muita informação de diversas fontes, desde textos ou mesmo conversas. Ela entra, vinda do Chile, por

Bariloche, na Argentina, país onde 85% da população é descendente de europeus. O lado social é menos importante, apesar de obviamente não deixar de estar presente no enquadramento geográfico que nos apresenta. Se a cidade de Bariloche, estância turística com muitas marcas da cultura alemã, não a interessa grandemente, o lago Nahuel Huapi e as montanhas andinas que o circundam entusiasma-na pela sua beleza, pelas cores. E Ochoa nunca deixa de exprimir os seus entusiasmos na linguagem que empresta ao narrador e que ‘apanha’ o leitor. Aventura-se num enorme trajeto de autocarros até Ushuaia, onde chega às 23.50 de 24 de Dezembro, passando por uma paisagem que vê como

mais lenta, mais monótona [...]. Ao aproximar-nos da meseta, as montanhas dispersam-se, esse imenso terreno amarelo e castanho ocupa todo o horizonte que se alarga ... alarga ... alarga. (Ochoa 2007: 245)¹³

Todo o trajeto patagónico é atravessado por ventos, um dos *topoi* de quase toda a literatura de viagens sobre a região: “O vento – era o senhor daquelas bandas, sentia-se, via-se, escutava-se, tinha cheiro a independência.” (*idem*: 246). A paisagem passa a velocidade de cruzeiro pela janela dos confortáveis autocarros, pouquíssimo tráfego, através de uma “paisagem melancólica, feita de céu e planícies gigantes, sinuosas, e as ordens que se dão aos veículos longos de as atravessar de um só trago” (*idem*: 247). O Eu textual vai-se habituando a enormes retas, a um céu “tão grande” (*ibidem*), às vezes aparecendo lagoas “para desenjoar a paisagem” (*ibidem*), numa “explosão de efeitos cromáticos” (*idem*: 248). As cidades têm pouco interesse, ao contrário da paisagem majestosa da Terra do Fogo, em particular as Torres del Paire, no Chile, três imponentes montanhas, que convidam à escalada, havendo por isso vários aventureiros à espera de boas condições climatéricas. Também o Lago Argentina e o glaciar a fascinam, nessa Patagônia que “é a conclusão de um trabalho requintado [...], um estado de espírito amaldiçoado, um estigma que carrega e que previsivelmente assumirás como teu para todo o sempre” (*idem*: 292). E refere o vento que a acompanha: “louco, como nunca o tinha visto [...], acompanhado de milhares de sons, muitas vezes pareciam vozes, quantas vezes me virei repentinamente para trás sentindo que alguém me chamava, ou praguejava, ou

ronronava, ou simplesmente assobiava-me...” (*idem*: 293). A viagem textual termina em aberto, a viajante fica “naquela cova, desfrutando da Patagónia, viciada na sua orquestra de vento, que foge dos apegos e das raízes, das moradas e dos países” (*idem*: 295). O relato de Ochoa termina, sem terminar, um fechamento textual, o leitor tem que se despedir.

Já o relato de Gonçalo Gil Mata, engenheiro portuense, é muito diferente. Decide fazer esta viagem de mota, de Buenos Aires a Nova Iorque, num percurso de 40.000 km, para o que dispõe de 7 meses viagem narrada em *BuenosYork*. Interessa-me aqui somente o capítulo 1: “Rumo ao Fim do Mundo. Argentina. Chile” (Mata 2007: 9-53): “Com a Patagónia chega a primeira bicharada e enfrento o vento que acaba por me pregar uma partida mais séria. O piso é com frequência mau, exigente e incontornável. A espantosa beleza dos glaciares domina a parte final desta etapa” (*idem*: 9). Nesta pequena introdução ao capítulo, Mata aborda os *leitmotifs* do capítulo e da sua experiência da Patagónia: a luta permanente contra os ventos, sobretudo para quem viaja numa pesada mota BMW, tantas vezes referida, mas também os animais, alguns que procura, desviando-se da rota, como quando vai à península de Valdés, à procura de pinguins, de elefantes marinhos, de focas, em enormes extensões da costa atlântica, constituindo uma experiência mágica e única, outros animais atravessam-se no caminho como os guanacos, as lebres, ou patrulham os céus, como os condores, mais raros estes, a não ser nas zonas andinas. Outro tema importante na obra é a concentração nas condições de deslocação, como tantas vezes acontece em viajantes masculinos, mas não só, com a permanente gravilha, que, aliada ao vento, dificulta a progressão. A questão do alojamento também percorre o capítulo: sendo uma região desértica, há poucos hotéis; por outro lado, uma vez que há bastantes obras em andamento, isso leva a um rápido loteamento dos quartos disponíveis. Assim, o viajante frequenta acampamentos, onde tem encontros rápidos com outros aventureiros, provenientes de vários continentes. Contrariamente a outros viajantes, Mata tem um calendário relativamente apertado a cumprir, e o clima prega-lhe partidas, dificultando o seu cumprimento. O vento é uma constante, o leitor quase que o sente através das descrições feitas. Um dos subcapítulos tem como título “Terra do vento” (Mata 2007: 21). Como terra de vastíssima planície, com pouquíssima vegetação, a não ser a rasteira, nada trava os

ventos: “O vento é um elemento de respeito. É mais fácil perceber isso vivendo de perto a sua onnipresença” (*ibidem*). Ou noutro passo: “Vento, vento e mais vento, não há coisa que mais preencha todos os espaços da minha existência física do que o barulho e a violência permanente do vento” (*idem*: 23). O facto de viajar de mota faz com que experiencie de modo muito intenso o vento, mais do que aqueles que viajam de autocarro ou em todo-o-terreno. O percurso vai de cidade em cidade, de posto de abastecimento a posto de abastecimento, de restaurante a restaurante (quando os há).

Depois de Ushuaia, cidade de que pouco ficamos a saber, Mata segue em direcção à Terra do Fogo, aqui já com algumas árvores e montanhas, o início (ou o fim) da cordilheira dos Andes, que percorre grande parte da América do Sul. Só um temporal com ventos de cerca de 150 km/hora obriga Mata a parar e a ter contactos mais longos com alguns argentinos e chilenos. Descreve-nos com entusiasmo as paisagens dos glaciares, nomeadamente o Perito Moreno. Até que volta à Ruta 40 em direcção ao norte, encontrando por vezes partes asfaltadas: “Paro e deito-me no asfalto frio e deliciosamente liso. Salvo!” (*idem*: 49). A paisagem é “inóspita, desfiladeiros secos sem vegetação lembrando o sul de Marrocos” (*idem*: 48), avançando paralelamente aos Andes em direcção ao norte.

A terceira autora aqui analisada é Maria João Ruela, jornalista em vários jornais e revistas, mas também na TV, mulher que não conhece fronteiras e que reuniu num livro relatos de viagem: *Viagens Contadas. Marrocos, Nepal, Patagónia, Noruega e outros destinos*. Analisemos o capítulo que dedica à região que interessa aqui, o ‘cono sur’ (Ruela 2011: 15-66). O trajeto textual começa no Chile, em Punta Arenas, onde aluga um Nissan Mistral, acompanhada pelo marido, e com ele se fez à estrada ou ao que mais se assemelha com isso: “O *ripio* junta terra, cascalho, gravilha e pedras soltas num piso duro e incómodo” (*idem*: 28).

Começa por distinguir a Patagónia dos turistas e a dos aventureiros.

Alimentava ainda um secreto desejo de encontros inesperados com personagens da mítica Patagónia, inspirada em livros que me falavam desta terra de viajantes solitários e heróis desesperados. [...] Na vontade de descoberta trazia a ideia de fazer uma espécie de turismo de dia-a-dia, deixando-me guiar

pelos encontros e, na ausência de pessoas, pelas paisagens desta ‘cópia feliz do Éden’, como canta o hino nacional do Chile. (*idem*: 19)

Visitou o Parque Nacional del Paine, ainda no Chile, referindo-se também aos animais, que não fugiam da presença humana. Ao viajar, agora pela escrita, vai-se lembrando de livros, como o de Chatwin ou o da jornalista e escritora argentina Leila Guerriero, com *Los suicidas del fin del mundo. Crónica de un pueblo patagónico*, de 2005 [*Os suicidas do fim do mundo*, Quetzal, 2009], sobre a onda de suicídios que assolaram uma pequena localidade da Terra do Fogo. Ou lembra-se dos célebres bandidos à volta de Butch Cassidy, como o fazem tantos outros viajantes. Comum a Mata, é a referência ao estado das estradas, ao vento, aos animais, à solidão. Refere ainda a maravilhosa carne argentina, nos *comedores* na estrada ou nas cidades. Partilha o entusiasmo pelo Perito Moreno e pelo Parque dos Glaciares: “Estamos num planalto de paisagem lunar, com prados ralos e superfície em terra de cor ocre, poderia chamar-lhe um desértico descampado ardente se ao menos fizesse calor, mas apenas soprava vento” (*idem*: 44). O glaciar é uma massa de gelo “com a dimensão do Alentejo” (*idem*: 49), com “o barulho de um corpo monstruoso em perpétuo movimento” (*ibidem*). A viagem termina em Ushuaia, cidade que nada tem para oferecer, mas que permite um olhar histórico por aquela região, dividida pelos dois países, ainda com traços dos índios que por ali habitavam.

Depois da análise deste olhar tripartido de portugueses, paremos uns instantes para partilharmos de um olhar bem diferente, o do sueco Mats Tormod (1946-), escritor de livros para a infância e de outros livros como o romance *Movie*. Escreveu também pequenos textos, apontamentos sobre diferentes coisas, e sobre a Patagónia escreve *Tango. Anteckningar från Patagonien* [Tango: Apontamentos da Patagónia], um pequeno livro de apontamentos textuais e de desenhos.

Viajar pode ser uma aventura, expressar uma ambição ou um instinto, talvez como as andorinhas. Por vezes a viagem não é mais do que consumo; a felicidade enganadora da compra da liberdade, uma fuga do fastio e talvez do próprio viajante. (Tormod 2007: 11, trad. minha)

Não se trata bem de um livro de viagem à Patagónia, mas de apontamentos sobre a Argentina, como o título ambivalente indica. Não se fala ‘sobre’, mas ‘da’, partindo da realidade ou da imaginação do autor que chegou a Buenos Aires e que partiu para o sul de autocarro em direcção ao deserto argentino: “Durante 24 horas viajámos em direcção ao sul. Sem ver uma curva, um cume. Andámos sempre a direito, para dentro do vazio” (*idem*: 25), chegando perto do Cabo Horn, a Puerto Madryn. Aí verá animais marinhos, elefantes marinhos, pinguins, vistos a partir dos seus ninhos escavados na rocha, uma visão maravilhosa. O viajante no texto imagina o pinguim a debruçar-se e a dizer: “Isto é meu” (*idem*: 35). Alguns dos pequenos capítulos citam Bruce Chatwin, Antoine de Saint-Exupéry, autor de que Tormod se lembra em Bahía Blanca, nome que conhece do romance *Vol de nuit*. A englobar toda a viagem e a fazer jus ao título aparece o tango, quer em aulas em Buenos Aires, quer em referências a Jorge Luis Borges.

Muito diferente é o olhar da alemã Carmen Rohrbach, bióloga e viajante, autora de alguns livros de viagem na colecção Malik/ National Geographic, entre os quais *Patagonien. Von Horizont zu Horizont* [Patagónia. De horizonte a horizonte]. A colecção em que se insere condiciona o tipo de apresentação do país ou da região que se quer apresentar: na viagem pessoal deverá ser dada importância à geografia, à fauna e à flora. A reacção pessoal e, portanto, a construção de um olhar subjectivo enquadram-se perfeitamente, uma vez que não se trata de um guia de viagem. Para além destes aspectos, Rohrbach concentra-se também nas histórias que vai ouvindo, no lado social e histórico, no alpinismo (ou melhor, no andinismo!). O tempo da viagem está predefinido: viajará meio ano.

A viagem textual começa com o vento, que não mais largará também este texto. Neste caso, mesmo antes de aterrar, o avião sofre muitas sacudidelas: “Der patagonische Wind rüttelt an den Tragflächen” (Rohrbach 2011: 7) [“O vento patagónico abana as asas”]. O espaço vazio e as cores proporcionam uma visão maravilhosa, visão que acompanhará as diversas etapas da viagem. Com ela viajam histórias, mitos, que começam com Fernão de Magalhães, em 1420, com Charles Darwin, os mitos do ‘Fim do Mundo’: “[...] webt die Phantasie grandiose Bilder von sturmumtosten Küsten, windzerzausten Landschaften, von grenzenloser Einsamkeit und unberührter Natur.” (*ibidem*) [“tece a fantasia de imagens

grandiosas de costas batidas pelas tempestades, paisagens batidas pelos ventos, de solidão sem fronteiras e natureza intocada”]. A visão de Rohrbach é também marcada por histórias de aventureiros, como Julius Popper, que fundou um estado, com moeda própria. Lê vários livros, como o de Klaus Bednarz, o do chileno Francisco Coloane ou do argentino José Hernández, de 1872, sobre a vida do gaúcho Martin Fierro.

A viagem começa pelo Sul, por uma região marcada por alguns conflitos fronteiriços entre a Argentina e o Chile e utilizada pelas ditaduras como local de prisão, num passado não muito distante. Numa situação de clara ‘filia’, em termos de Pageaux (1994: 75s.), interessa-se também pela história dos índios ou do que resta deles, das marcas que deixaram e do papel que as doenças tiveram no seu extermínio; igualmente o papel das ovelhas, trazidas pelos colonos, na destruição do habitat dos índios, que viram o espaço para os guanacos, o seu principal meio de sobrevivência, reduzido. É também referida a utilização de arame farpado pelos novos proprietários para a demarcação das suas terras e para impedirem a fuga das ovelhas, o que dificultou a circulação dos animais selvagens.

Na paisagem reina o silêncio, que é cortado pelos ventos, pela presença de alguns animais e pássaros. Encanta-a “das maßlose Nichts” (Rohrbach 2011: 99) [“o nada desmedido”], a ideia de um sem fim, de um enorme espaço solitário.

Wenn irgendetwas Patagonien charakterisiert, so ist es seine immense Einsamkeit. Die Gegenwart von Menschen nimmt Gestalt an in Form von isolierten, versprengten Oasen. [...] Ein magisches, mystisches Land, umgeben von Licht und Wind, beherrscht von einer wilden Schönheit. (*idem*: 119)
[Se há algo que caracteriza a Patagónia, então é a sua imensa solidão. A presença de pessoas toma forma em oásis isolados e dispersos. [...] Uma terra mágica, mítica, cercada por luz e vento, dominada por uma beleza selvagem]

Os passeios são feitos a cavalo, mas também em 4X4, dois modos de deslocação que permitem uma grande liberdade e um grande contacto com a natureza. Tal como outros viajantes, usa também o autocarro, visita estâncias, assiste a tosquias, bebe mate. Gosta da solidão, mas não a extrema solidão dos gaúchos. Dá-se conta da evolução, nomeadamente da causada pela extracção do petróleo, que interrompe a paisagem agreste com as ‘cegonhas picadoras’, como chama às máquinas utilizadas.

O glaciar de Perito Moreno não deixa de a fascinar, o que a leva a parar, a apreciar aquela massa de gelo, em que alternam o silêncio e os ruídos do gelo a mover-se. Há algo que a autora sente como mágico, não traduzível em palavras. Depois segue a lendária Ruta 40, saindo por vezes da estrada para se aproximar das montanhas fascinantes. Mas sempre acompanhada pelos ventos: “Das Schlimmste ist der Wind, ein Wind, wie ich ihn zuvor noch nie erlebt habe.” (*idem*: 146) [“O pior é o vento, um vento como nunca o tinha vivido”]. Mais a norte é a terra das pampas, “die dramatische Unermesslichkeit der Pampa weit und breit. Vor uns öffnet sich das Nichts.” (*idem*: 179) [“a dramática incomensurabilidade da pampa por toda a parte. Diante de nós abre-se o Nada”]. Chegada à costa atlântica não pode deixar de apreciar a “dança dos pinguins” (*vd. idem*: 220), mas também os espaços que Saint-Exupéry utiliza em alguns dos seus livros. Refere, como tantos outros, as florestas petrificadas, as gravuras nas grutas e muitos outros aspectos que singularizam esta região em ambos os lados da fronteira.

6. Vemos assim que, nos autores referidos, os diferentes textos se concentram nos mesmos aspectos da Patagónia: a solidão, o deserto, o vento, as *estancias*, as estradas, os transportes, mas cada um vê a mesma realidade de modo diferente, dependendo do lado subjetivo de cada um. Todos partilham o desejo de chegar a um diálogo com o leitor, a levá-lo a viajar a partir das respetivas vivências, tal como surgem através dos seus discursos, indiferentemente do grau de ficcionalidade propostos nos diferentes textos. São textos sobre personagens que fascinam o leitor pela sua diferença, pela sua coragem em enfrentar dificuldades físicas, que não podem deixar de afetar as psicológicas. É frequente os viajantes modernos, para além do aspeto nostálgico da viagem, criarem um espaço heterotópico, um segundo espaço, que os liberta momentaneamente do espaço de origem.¹⁴ Cada ‘armchair traveller’ fará a sua própria viagem a partir da leitura e longe do viajante real. Centrando-se todos em aspectos semelhantes e também coincidindo em algumas das leituras prévias, não há grandes diferenças na escolha dos locais a percorrer. Mas a escolha dos meios de transporte exerce a sua influência no encontro com o Outro: ir de mota, como Mata, ou de 4X4 não é a mesma coisa do que ir de autocarro. Num local como a Patagónia os autores encontram outros viajantes (não turistas, esses viajantes em grupo que os ‘verdadeiros’

viajantes têm o cuidado de evitar) oriundos de outros continentes. A Patagónia torna-se, assim, num palco de encontros globais. Há algumas diferenças de género, mas não necessariamente típicas: a escrita de homens concentra-se muitas vezes mais em aspetos técnicos, no estado das estradas, a escrita de mulheres foca com maior atenção o lado micro e é, muitas vezes, caracterizado por aspetos emocionais. No entanto, trata-se mais da subjetividade do viajante do que de género ou de nacionalidade. O contacto com os habitantes das zonas é também diferenciado: quem tem pouco tempo não contacta os habitantes locais, exceto contactos superficiais em lojas, restaurantes, campismos. O modo como se vê a geografia humana depende assim do fator tempo, além, obviamente do fator interesse. Comum é o pouco interesse pela política chilena ou argentina, aliás, é-lhes indiferente em que lado da Patagónia se encontram, exceto quando isso interfere na sua deslocação, nomeadamente nas frequentes passagens de fronteiras. Cada um destes viajantes, com traços mais ou menos fortes de nomadismo, e com um grau maior ou menor de narcisismo no modo como se apresentam (Holland/Huggan 2000: 114), tem os seus motivos e interesses pela viagem, quiçá a nostalgia por espaços longe da urbanidade, perto da natureza, mesmo quando isso venha acompanhado de agruras e dificuldades que se querem vencidas (*vd. idem*: 203). Esta visão poliscópica permite ao leitor confrontar visões, experiências, construções dessa enorme e mágica região. A Patagónia é por isso também dos leitores que viajam por estes textos, sendo que a leitura de um pode contribuir para a construção espacial do leitor aquando da leitura de outros textos que visitam áreas semelhantes.

Bibliografia

Chatwin, Bruce (1996), *Anatomy of restlessness. Selected writings 1969-1989*, ed. Jan Born / Mathew Graves, New York/London, Penguin Books.

-- (2008), *Na Patagónia*, trad. José Luís Luna, Lisboa, Quetzal.

Eschweiler, Gabrielle (Hrsg.) (2009), *Geschichten vom Ende der Welt. Patagonien und Feuerland in der Weltliteratur*, Zürich, edition 8.

Ette, Ottmar (2001), *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*, Weilerswist, Velbrück Wissenschaft.

Guerriero, Leila (2005), *Los suicidas del fin del mundo. Crónica de un pueblo patagónico*, Barcelona, Tusquets Editores.

-- (2009), *Suicidas do fim do mundo*, Lisboa, Quetzal Editores.

Hallet, Wolfgang / Neumann, Birgit (Hg.) (2009), *Raum und Bewegung in der Literatur. Die Literaturwissenschaften und der Spatial Turn*, Bielefeld, transcript Verlag.

Hetherington, Kevin (1997), *The Badlands of Modernity: Heterotopia and Social Ordering*, London, Routledge.

Holland, Patrick / Huggan, Graham (2000), *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, Michigan, The University of Michigan Press.

Lisle, Debbie (2006), *The Global Politics of Contemporary Travel Writing*, Cambridge, Cambridge University Press.

Mata, Gonçalo (2007), *BuenaYork*, Lisboa, Verso de >lapa.

Ochoa, Raquel (2007), *O vento dos Outros*, Planeta Vivo.

-- (2012), *O vento dos Outros. A cada passo, a vida inteira*, Queluz de Baixo, Marcador.

Pageaux, Daniel-Henri (1994), *La littérature générale et comparée*, Armand Colin, Paris.

Rohrbach, Carmen (2011), *Patagonien. Von Horizont zu Horizont*, München, Malik / National Geographic.

Ruela, Maria João (2011), *Viagens Contadas. Marrocos, Nepal, Patagónia, Noruega e outros destinos*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

Sampaio, Teresa (2012), entrevista a Raquel Ochoa [por ocasião da reedição], *Ler +, Ler Melhor*, https://www.youtube.com/watch?v=gFbwqsa_sfA [publicado a 06/09/2012].

Shakespeare, Nicholas (2001), *Bruce Chatwin. Biografia*, trad. Maria Dulce Guimarães da Costa, Lisboa, Quetzal.

Tormod, Mats (2007), *Tango – anteckningar från Patagonien*, Luleå, Ali Books.

Gonçalo Vilas-Boas é professor catedrático na área de literatura de expressão alemã na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Presidente do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Diretor do Mestrado em Estudos de Teatro. Escreveu vários artigos sobre autores de língua alemã, como Franz Kafka, Patrick Süskind, Robert Walser, Max Frisch, Friedrich Dürrenmatt, Annemarie Schwarzenbach, Urs Widmer, Christian Kracht, Lukas Bärfuss, Hugo Loetscher, Martin R. Dean. As suas áreas de investigação são: a literatura suíça de expressão alemã desde 1900, o labirinto minóico na literatura e a literatura de viagens. Publicou três livros com textos de e sobre Annemarie Schwarzenbach e Literatura Alemã III da Universidade Aberta. Organizou também uma antologia do conto suíço (*Histórias de Encontros e desencontros*, Porto, Afrontamento, 1991) e outra do conto nórdico (*A Luz que Vem do Norte*, Porto, Afrontamento, 2004).

NOTAS

¹ “Patagónia” in Pablo Neruda, *Canto Geral*, tradução de Albano Martins, Campo das Letras, Porto, 1998: 298-9.

² Nesse sentido, Ottmar Ette fala de discurso friccional, para designar os textos que unem o factual com o ficcional (Ette 2001: 43s.).

³ Debbie Lisle (2006: 4). Lisle vê a literatura de viagens como um “telling of a journey” e caracteriza os ‘travelogues’ como: 1. “travelogues are about journeys”; 2. “travelogues are stories”; 3. “travelogues are classified as non-fiction”; 4. “travelogues use fictional means to interpret facts”; 5. “travelogues are about difference” (Lisle 2006: 35-40).

⁴ “Die Steppe” foi publicado em Annemarie Schwarzenbach, *Alle Wege sind offen* (Lenos, Basel, 2008, p. 31-37) e a tradução portuguesa “A Estepe” em *Cadernos de Literatura Comparada*, 18/6.2008, p.185-189.

⁵ Bruce Chatwin e Paul Theroux, em *Regresso à Patagónia* (2009) revisitam muitos textos de viagens e ficcionais de diferentes séculos, em que estrangeiros relatam os primeiros encontros com a Patagónia e os índios que aí habitavam.

⁶ Hallet e Neumann falam dos nomes como “Bedeutungsträger” [portadores de sentido], a eles associam-se muitos saberes, desde os geográficos aos sociais e históricos, mas também míticos. (Hallet/Neumann 2009: 11)

⁷ Um outro tipo de textos, mais factuais, poderia ser abordado aqui, nomeadamente os diários de Perito Moreno: *Perito Moreno’s travel journal. A Personal Reminiscence*, el elefante blanco, Buenos Aires, 1997, ou *Un Suízo en Patagonia. El diario de Leonhard Arduser* (1911-12), traduzido e editado pelo seu filho Jorge Arduser, em Bariloche (2004).

⁸ Este é também o título dum capítulo no livro de Chatwin, *Anatomy of restlessness. Selected Writings 1969-1989*, Penguin, Hammadsworth, 1997.

⁹ Este livro acaba de ser reeditado com o título *O vento dos outros. A cada passo, a vida inteira*, pela editora Marcador, Barcarena, em 2012. Nesta edição, o capítulo em análise é precedido de um texto, em que se pode ler: “É um caminho solitário e não serão só humanos que falarão contigo” (2012: 157). Seguirei, contudo, a primeira edição.

¹⁰ Entrevista emitida em 6/9/2012. Vide http://www.youtube.com/watch?v=gFbwqsa_sfA (visto em 9/9/2014).

¹¹ Esta problemática já foi abordada por um número infindável de autores. Lembremo-nos de *A Carta*, de Hugo von Hofmannsthal (1902), uma carta fictícia de Lord Chandos a Francis Bacon, datada de 1603.

¹² Na segunda edição o título é mudado para “Entrar na Patagónia. Patagónia Argentina”.

¹³ Na segunda edição as reticências desaparecem, o que, a meu ver, diminui a plasticidade da descrição (Ochoa 2012: 163).

¹⁴ Lisle fala de “travellers through heterotopia: alternative orderings of space.” (Lisle 2006: 186). O conceito de heterotopia segue mais a interpretação de Kevin Hetherington (1997), do que a de Michel Foucault.